

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Director de *ELECTRICIDADE*

Adeus Macau

Em 1974, quando muitos se entusiasmavam pela reorientação de Portugal na geopolítica, fui visitar Macau, talvez movido pela esperança de encontrar um entendimento na atmosfera oriental e que me escapava no pensamento ocidental. Estava longe das leituras de Krishnamurti, que tão boas reflexões me concederam há cerca de três anos. Nesse tempo procurei nos livros de Mao Tse-Tung, adquiridos numa livraria no centro macaense, a orientação do rumo desconhecido. Mas não atinei com qualquer indício impressionante. E resolvi partir para a Nova Zelândia, via Austrália, sem melhor resultado.

Como ainda estava animado da convicção de que a dissertação de doutoramento, laboriosamente preparada numa universidade alemã, constituía um documento de valor, pela sua actual originalidade, levei comigo um exemplar para o deixar numa biblioteca de Macau. Cheguei a aproximar-me da porta do Leal Senado com o livro debaixo do braço. Porém, ao pressentir quão absurdo era esse gesto egoísta, recuei. Para que serviria uma obra literária de engenharia entre magníficos livros de poetas e filósofos? Talvez Camões pudesse entender o feito assinalado, mas já havia morrido tantos anos antes! Abeirei-me do mar. Atirei o meu livro às águas, qual naufrágio na aventura da vida. E parti.

A reorientação política em Portugal no ano de 1974 desfez o conjunto de colónias. Macau entrou nesse processo de entrega. Pela sua especificidade, a devolução da "oferta" secular aos portugueses foi combinada para o final de 1999, após 442 anos de administração. Antes, porém, decidiu-se aprimorar o fruto oferecido e desatou-se a criar as infraestruturas modernas que anteriormente se haviam esquecido.

Recordo-me de ter estudado a língua cantonense entre 1965 e 1967 no ISCSPU (Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina), em

Lisboa, de que era director o Prof. Adriano Moreira. O respectivo grupo de estudantes livres confraternizava, de vez em quando, num almoço no restaurante "Macau" (que existia na rua Barata Salgueiro), tendo normalmente como convidado aquele professor. Numa dessas ocasiões ouvi-o dizer que já tivera a ideia de propor a Salazar a criação de uma universidade em Macau, para aí enraizar a cultura ocidental portuguesa no campo da História. Seria, certamente, uma iniciativa ao arremetimento da política de manutenção do atraso mental face às modernidades descolonizadoras. E não se passou de uma conversa, bem intencionada, de um ex-Ministro do Ultramar, que deixara um rasto "perigoso" de renovação das instituições coloniais.

Quando o Governo decidiu construir pontes e um aeroporto, bem como as indispensáveis centrais eléctricas e redes de distribuição energética ou estações de radiofusão e televisão, é claro que surgiu à frente o plano de instalar uma universidade. Recebi um convite para ir dirigir os cursos de licenciatura em engenharia, numa missão de dois anos, mas declinei tão amável deferência, por compromissos profissionais (na Universidade Nova de Lisboa e a que não é alheia a revista "Electricidade") e deveres familiares (com filhos de tenra idade, ainda por criar). Perdi, assim, a oportunidade de aportar com a minha "contribuição para a interpretação das descargas parciais em dieléctricos" na mão, como naufrago recolhido à imagem da narrativa histórica camoneana (ainda que sem mérito nem bravura).

Entretanto, fui observando como vários colegas faziam carreira em Macau. Tanto os que se dedicavam à docência e administração universitária, como aqueles que construíam obras de engenharia electrotécnica. Estou a pensar no aeroporto. Recordo os engenheiros da EDP (Electricidade de Portugal) que foram intensificar a produção e transporte de energia eléctrica naquele território de 24 km². Daí veio o eco das

potentes centrais diesel-eléctricas, com origem no Japão, através de monstruosos motores de alta eficiência (que noticiei a devido tempo nestas páginas). De lá chegou a notícia das modernas instalações aeroportuárias, que nunca visitei, mas imagino muito à frente das instalações de vanguarda, sobretudo quanto à automação, que concebi e executei no actual aeroporto de Lisboa como engenheiro recém-licenciado. Também chegavam ao conhecimento algumas notas de trabalho dos engenheiros da Efacec na montagem de transformadores de potência e na instalação das redes de distribuição de energia eléctrica naquela populosa cidade.

Lembro-me então dos passeios que dei por Macau, sem qualquer orientação turística, à descoberta ocasional dos recantos mais imprevisíveis. Entre árvores seculares, sustentadas na terra por meio de fortes raízes, entrançadas no seu velho destino. Tal com acontecia com a complexidade dos cabos em torsada, suspensos à molhada dos postes repletos, numa amálgama impressionante de fios condutores. Exactamente como vi no barco que me levava de Hong-Kong, cheio de chineses de tronco nú e estendidos, lado a lado, ou empilhados sobre estrados de madeira, como se repousassem na travessia do oceano, numa atmosfera quente e húmida, a impregnar-me do mistério dos sonhos juvenis com piratas.

Isso mesmo. Aí estava a recompensa: Macau, a cidade doada aos portugueses como prémio do seu esforço de irradiação dos piratas naqueles mares. Uma cidade livre do jugo normalizador da "revolução cultural". O refúgio do grande espírito sínio. O antro dos viciados do jogo, em actividade vinte e quatro horas por dia: nos casinos flutuantes e engalanados de múltiplas luzes e cores; nas mesas de rua, à porta de cada um, para jogar; certamente nas barcaças encostadas umas às outras, que serviam de habitação, onde as pessoas se engolfinhavam continuamente nos nove

tons do dialecto local; e até dentro do hotel Lisboa, no qual me recolhi e recordei a aprendizagem esquecida com o padre Guerra (eat, ey, sam, sei, ..., para dizer 1, 2, 3, 4, ...).

Hoje lamento não ter ido trabalhar para Macau. Poderia ter concluído e publicado a gramática de cantonense que preservo na gaveta das recordações, manuscrita com letra técnica a tinta da China, em papel vegetal, no código do "chinês alfabético", a partir das lições recebidas daquele jesuíta na rua Buenos Aires (em Lisboa), durante dois anos da década de 60, e que constituiu o projecto de investigação do meu encantamento quando me afastei das obras de engenharia electrotécnica, desiludido com o comportamento hipócrita dos chefes inoperantes e com as falsas promessas dos administradores medrosos. Foi aí que virei costas à sociedade estagnada do salarismo, onde subi a pulso e suor, e demandei a terra virgem angolana, para edificar a modelar licenciatura em Engenharia Electrotécnica na Universidade de Luanda. Sete anos servi Angola. O suficiente para economizar os "angolares" que me levaram a Macau, numa viagem de solidão, sob o desespero de gastar todo o produto daqueles anos de trabalho, a desmorrar-se como a obra feita.

Tão diferente é agora o adeus dos portugueses a Macau! Atrás fica um património valioso. E há engenheiros que partem para lá, dando continuidade aos valores implementados, dentro da feição cultural dos grandes actos históricos: a participação universal no desenvolvimento sem fronteiras. Boa viagem engenheiro Figueiredo e todos os Figueiredos que seguirem depois de 20 de Dezembro de 1999. Dissertem pela acção, mesmo sem livro; não atirem ao mar aquilo que sabem, mostrem como se inscrevem os poemas do génio na realidade do dia-a-dia.

Para que, numa hipotética visita a Macau, possa dizer adeus com mais saudade. E sentir orgulho de ser português. **E**